

# ENTRE BICHAS E BOFES: O AUÊ DAS PALAVRAS NO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)

*BETWEEN RIBBONS AND MALES: THE 'AUÊ' OF THE WORDS IN THE JOURNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)*

*ENTRE BICHAS Y BOFES: EL 'AUÊ' DE LAS PALABRAS EN LA REVISTA LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)*

Alisson Gonçalves<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo é parte do trabalho desenvolvido na dissertação de mestrado. Levando em consideração o contexto ditatorial brasileiro do final da década de 1970, houve um crescimento da chamada imprensa alternativa no Brasil, e por consequência o aparecimento do Jornal Lampião da Esquina em abril de 1978, ficando em vigência até meados de 1981. O periódico, produzido majoritariamente por homossexuais, era destinado principalmente à chamada população gay do gueto, e tinha como objetivo dar visibilidade não somente aos gays, lésbicas e travestis, mas também a outras parcelas marginalizadas pelas políticas autoritárias da época. Ao longo das suas 38 edições lançadas mensalmente, o jornal mostrava em seus editoriais e reportagens uma linguagem diferente daquela presente nas demais mídias impressas, recorrendo a um palavreado muitas vezes debochado e recheado de gírias e termos usados pela população gay da época. A presente pesquisa tem por objetivo apresentar termos e a linguagem usada pelo jornal, e como esses termos foram sendo ressignificados numa tentativa de aproximar-se com seu público alvo, além de ser um imperativo de luta contra o preconceito existente. Bicha, bofe, boneca, pintosa, gay-macho, além de serem termos presentes no jornal também representavam estereótipos e formas de identificação dos sujeitos gays quanto a sua homossexualidade na sociedade dos anos de 1970, mesmo que tais marcações gerassem discordâncias tanto à identificação quanto ao próprio uso dos tempos pelos leitores. Conclui-se que o jornal enfatizou principalmente as figuras da bicha e do bofe como marcadores para que os sujeitos gays se percebessem como tal e assim pudessem assumir com naturalidade sua condição sexual.

**Palavras-chave:** Jornal Lampião da Esquina. Imprensa Gay. Bichas. Bofes.

## Abstract

The present article is part of the work developed in the master's thesis. Taking into account the dictatorial Brazilian context of the late 1970s, there was a growth of the

.....

1. Mestrando pelo Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa- Pr. E- mail: [alisson.profhistoria@gmail.com](mailto:alisson.profhistoria@gmail.com) .

so-called alternative press in Brazil, and consequently the appearance of the newspaper *Lampião da Esquina* in April 1978, remaining in force until mid-1981. The periodical, produced mostly by homosexuals, was aimed mainly at the so-called gay population of the ghetto, and had the objective of giving visibility not only to gays, lesbians and transvestites, but also to other groups marginalized by the authoritarian policies of the time. Throughout its 38 monthly editions, the newspaper showed in its editorials and reports a language different from that present in other print media, resorting to a vocabulary often debauched and filled with slang and terms used by the gay population of the time. This research aims to present terms and the language used by the newspaper, and how these terms were being resigned in an attempt to get closer to its target audience, besides being an imperative to fight against the existing prejudice. *Bicha*, *bofe*, *boneca*, *pintosa*, *gay-male*, besides being terms present in the newspaper also represented stereotypes and forms of identification of the gay subjects regarding their homosexuality in the society of the 1970s, even if such markings generated disagreements both to the identification and the very use of the terms by the readers. It is concluded that the newspaper emphasized mainly the figures of the faggot and the hottie as markers for the gay subjects to perceive themselves as such and thus could assume their sexual condition with naturalness.

**Keywords:** *Lampião da Esquina* Newspaper. Gay Press. Queers. Faggots.

### Resumen

El presente artículo forma parte del trabajo desarrollado en la tesina del Máster. Teniendo en cuenta el contexto dictatorial brasileño de finales de la década de 1970, se produjo un crecimiento de la llamada prensa alternativa en Brasil, y en consecuencia la aparición del periódico *Lampião da Esquina* en abril de 1978, manteniéndose vigente hasta mediados de 1981. La revista, producida principalmente por homosexuales, se dirigía sobre todo a la llamada población gay del gueto, y pretendía dar visibilidad no sólo a gays, lesbianas y travestis, sino también a otros grupos marginados por las políticas autoritarias de la época. A lo largo de sus 38 ediciones publicadas mensualmente, el periódico mostraba en sus editoriales y reportajes un lenguaje diferente al presente en otros medios impresos, utilizando una palabra a menudo libertina y llena de argot y términos utilizados por la población gay de la época. Esta investigación tiene como objetivo presentar los términos y el lenguaje utilizados por el periódico, y cómo estos términos estaban siendo resignificados en un intento de acercarse a su público objetivo, además de ser un imperativo para luchar contra los prejuicios existentes. *Bicha*, *bofe*, *boneca*, *pintosa*, *gay-masculino*, además de ser términos presentes en el periódico también representaban estereotipos y formas de identificación de los sujetos gays en cuanto a su homosexualidad en la sociedad de los años 70, aunque tales marcas generaran desacuerdos tanto a la identificación como al propio uso de los términos por parte de los lectores. Se concluye que el periódico enfatizaba principalmente las figuras del maricón y del cachondo como marcadores para que los sujetos homosexuales se percibieran como tales y así pudieran asumir con naturalidad su condición sexual.

**Palabras clave:** Revista *Lampião da Esquina*. Periódico Gay. Maricas. Maricones.

Nascido em meio ao governo ditatorial brasileiro o Jornal Lampião da Esquina se propunha dar voz a uma parcela marginalizada da população homossexual, a chamada população do gueto. O jornal que teve seu início em abril de 1978 é tido como um marco na imprensa gay por ter alcançado uma abrangência que ia além dos círculos de amigos ou de centros urbanos. Trazia em suas páginas uma gama variada de temas nas suas reportagens que envolviam desde vivências homossexuais a debates políticos, feminismo, questões ambientais.

Em seus três anos de existência, o Jornal Lampião da Esquina juntou-se a outras mídias impressas num momento de reabertura política do Brasil, os jornais alternativos ganharam força com a ascensão dos movimentos sociais e novos debates na sociedade brasileira. De modo geral, adotou o formato tabloide, com capas e reportagens que chamavam a atenção de seus leitores.

Outra característica que chamava a atenção para o jornal era a linguagem usada. O repertório de gírias e termos usados pela entre homossexuais e demais pessoas inclusas no *meio gay* se fazia presente nas reportagens e textos, muitas vezes usados em tom de deboche e sarcasmo. Esse processo pode ser entendido de duas formas, inicialmente como uma forma de aproximação com o público-alvo e ainda como uma forma de resistir aos preconceitos sofridos pelos homossexuais, lésbicas e travestis, ou seja, resignificando e se apropriando dos termos usados de forma pejorativa.

O Jornal Lampião se destacava também por questionar estruturas e padrões existentes, inclusive aqueles presentes no meio homossexual, como as figuras do *gay macho* em oposição ao *gay afeminado*, bem como os estereótipos criados sobre eles.

Este artigo, pretende apresentar esses dois pontos presentes no jornal, o debate que se fazia sobre a masculinidade entre *bofes e bichas*, e a forma desbocada de linguagem usada pelos editores.

### **Entre bofes e bichas: a masculinidade social**

Os anos de 1970 no Brasil ditatorial foram ao mesmo tempo um período de rigidez político-social marcada por instrumentos opressivos e de censura, mas também foi um momento de efervescência cultural com grande criatividade artística, um momento de debates com novos movimentos sociais, e ainda como se diria na época foi um ‘desbunde’, termo que remetia a

farra, curtição e uma suposta despolitização. Segundo Jorge Caê Rodrigues (2010) quando aplicado ao contexto ditatorial brasileiro o ‘desbundar’ era associado a uma mudança radical de comportamento, uma nova moralidade em oposição ao sistema conservador e moral vigente, questionando principalmente os padrões ligados à sexualidade.

O ideal normativo de masculinidade vigente de forma hegemônica nos anos de 1960 e 1970, segundo Natanael de Freitas Silva (2016) apresentava de forma geral um sujeito dentro de um modelo tradicional de virilidade, com elementos intrínsecos como a força, a potência sexual, a segurança e a independência, e nada que vinculasse ao feminino ou afeminado. Esse estereótipo de homem viril prevalecia tanto entre os segmentos políticos de esquerda quanto aos de direita.

A ideia de masculinidade em 1970 estava compreendida dentro do que R. W. Connell (1995) chama de ‘papel do sexo masculino’, ou seja, um conjunto de práticas, atitudes e expectativas que definiam apropriadamente a masculinidade, sendo pensado como um lugar como quando se tratava do gênero masculino. O próprio conceito de masculinidades ganha força a partir desse período com o aumento no número de pesquisas sobre gênero e críticas às hierarquias sociais de até então, podendo ser compreendido como,

uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de “masculinidades” (CONNELL, 1995, p. 188).

Esse conceito é percebido e entendido de forma hegemônica, usado para justificar e perpetuar a dominação de homens nas relações de poder em relação às mulheres ou a outros grupos de homens subjugados (gays, por exemplo).

A masculinidade hegemônica se distingue das demais, principalmente por se tratar de algo com caráter normativo, incorporando em suas práticas aquilo que é compreendido como um fator legitimador da sua dominação, como a violência ou a persuasão. Segundo Freitas Silva (2016), este homem, dentro da sua condição sexual e social, precisa o tempo todo provar e legitimar a sua condição de dominação.

Ao longo das suas produções e dentro dos seus objetivos iniciais, o Jornal Lampião da Esquina se propôs lutar contra o machismo. Uma das formas iniciais desse processo foi o questionamento dos padrões de masculinidade percebidos na sociedade, a partir da figura do “machão”

*de saída vamos desmistificar o nosso machão que não é machão coisa nenhuma, mas um pobre coitado às voltas com problemas terríveis de virilidade, afirmação pessoal e sede do domínio. Frágil, débil, condicionado há milênios a ser antes de tudo um forte, o machão se realiza muito mal no amor e só consegue salvar as aparências porque a mulher brasileira é ainda pior do que ele. Segundo dados recolhidos por estudiosos do comportamento humano, apenas dois por cento de nossas mulheres chegam a conhecer a plenitude do orgasmo, por culpa, em grande parte, do seu parceiro masculino, que as oprime de maneira intolerável e covarde. [...] O machão tem pouca confiança em si mesmo. (VIEIRA, n° 03, 1978, p.02, grifos nossos).*

Com isso percebemos que Zsu Zsu Vieira (1978) define a figura do machão como um ser condicionado a ser forte, porém inseguro quanto a sua performance e para manter essa imagem precisa sempre se colocar em uma posição de superioridade e dominação. A autora ainda considera que essa mentalidade predomina na sociedade, incluindo as mulheres nessa organização.

O texto ainda continua situando essa figura controversa, que ao mesmo tempo em que oprime é oprimido por uma construção social de masculinidade exacerbada diretamente ligada ao controle dos prazeres sexuais, uma consequência que estaria vinculada a homens e mulheres.

As masculinidades podem ser entendidas sob a mesma ótica das relações de gênero. O conceito em si nasce a partir das experiências dos sujeitos, que são moldados e transformam as suas percepções sobre a realidade, ainda que este processo seja mutável de acordo com fatores externos como etnia, geração, escolaridade, entre outros. O mesmo conceito de *masculinidade*, apresentado por Connell e Messerschmidt (2013) foi concebido dentro de um debate heteronormativo de gênero que se baseava apenas na lógica biológica *macho/fêmea* e refutava a ideia de gêneros construídos social e culturalmente.

Partindo inicialmente da proposta de Guacira Lopes Louro (1995) em que o conceito de gênero refere-se “à construção social e histórica dos sexos, ou seja, buscando acentuar o caráter social das distinções baseadas

no sexo” (LOURO, 1995, p.103), e também de Teresa de Lauretis (1994), que usa uma visão teórica foucaultina a partir da ‘tecnologia sexual’ que gera sexualidades, podemos entender o gênero como uma “representação e como auto- representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, [...] e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana” (LAURETIS, 1994, p. 208), o conceito de masculinidade, seja ela hegemônica ou não, também pode mudar ou até mesmo ser substituído.

A partir de meados de 1970, as masculinidades passam por esse processo, de ressignificar os modelos adotados para visibilizar a homossexualidade. Segundo Regina Facchini e Julio A. Simões (2009) essa mudança foi percebida também dentro do movimento homossexual, começando nos EUA, com uma significativa substituição o modelo homossexual próximo a androginia que transgredia os padrões de gênero para um modelo que celebrava o “crescente culto ao “macho” na masculinidade estampada em bigodes, cabelos curtos e músculos definidos” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 47).

Essa mudança foi percebida no Brasil, e apresentada pelo Jornal Lampião da Esquina na edição 08, de janeiro de 1979. Através da tradução de um texto originalmente publicado na revista norte-americana Christopher Street, os autores do tablóide brasileiro apresentam um cenário aparentemente comum percebido em boates e bares de Nova York e outros estabelecimentos, inclusive em boates brasileiras em que as mudanças comportamentais entre os gays é perceptível, sendo descrita da seguinte forma

uma estudada masculinidade. *Nada de desmunheçadas ou requebros excessivos. A maneira de andar e de falar, o tom de voz, as roupas, a aparência em geral são corretíssimos: estamos em terra de machos. [...] Na verdade, os jovens homossexuais parecem ter abjurado o efeminamento com universal sucesso. Corpos musculosos laboriosamente cultivados durante todo o ano parecem ser o padrão; a agilidade atlética e cheia de juventude é o estilo adotado por todos* (CONSELHO EDITORIAL, n° 08, 1979, p. 08, grifos nossos).

A referida reportagem, intitulado pelo Jornal Lampião da Esquina de “*Gay- Macho: Uma nova tragédia americana?*”<sup>2</sup>, mostra claramente uma padronização masculinizada presente no meio gay a partir da glamourização dos

.....  
2. O artigo original foi publicado inicialmente por Seymour Kleinberg na revista norte- americana Christopher Street, e depois no jornal Gay News.

corpos, vinculando-os ao sentimento de desejo de poder, da mesma forma que aqueles que seguem os parâmetros encontrados entre os ‘machões hegemônicos’.

Uma das consequências da mudança desse padrão é o fortalecimento do desprezo pelos homossexuais que se comportavam de maneira afeminada, como mostrado na sequência da matéria:

É esta a mensagem central do mundo das boates machistas: a masculinidade é a única verdadeira virtude; os demais valores são desprezíveis. E a masculinidade, no caso, não é alguma noção filosófica ou um estado psicológico: não está sequer vinculada moralmente ao comportamento. Ela redundava exclusivamente da glamurização da força física. A ideia da masculinidade é tão conservadora que quase chega a ser primitiva. (CONSELHO EDITORIAL, n°08, 1979, p. 08).

Desta forma identifica-se aqui a supervalorização de uma masculinidade entre os homossexuais, permeando os padrões heterossexuais que por sua vez inferiorizam a população homossexual. Essa mudança de comportamento pode ser entendida também como uma forma de minimizar as opressões sofridas pelo segmento.

Nos anos de 1970 era possível identificar dois modelos de sociabilidade homoerótica pautados em modelos médico- psicológicos, segundo Facchini e Simões (2009) o primeiro deles priorizava a hierarquia de gênero dividindo os homossexuais em ativos (bofes) e passivos (bichas), sendo que apenas o segundo grupo era considerado homossexual. Já o segundo modelo enfatizava a igualdade de orientação sexual, indiferente de masculino ou feminino criando novas categorias, como ‘entendidos’ e ‘entendidas’, ‘homossexuais’, ‘gays’, ‘lésbicas’, para identificar os sujeitos que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo.

Ambos os modelos foram pensados a partir do ponto de vista de modelos assimétricos de sujeitos heterossexuais, em sua posição hierárquica em relação aos homossexuais. Em relação às diferentes categorias criadas para distinguir os homossexuais, Ronielysson C. S. Pereira (2017) apresenta a variedade de nomenclaturas e termos usados pelo Jornal Lampião da Esquina para tipificar esses sujeitos que estabeleciam as relações homoeróticas:

“homossexual”, “o travesti”, “caricatura grotesca de mulher”, “homem fantasiado de mulher”, “a bicha que virou mulher”, “homem normal”, “gay”, “gay-macho”, “guei”, “tricha”, “bicha”, “bicha histórica”, “bichinha”, “bichinha

da boate”, “bicha pintosa”, “bicha assumida e erudita”, “bicha de classe média”, “bicha louca”, “boneca”, “a louca”, “maricona”, “viado”, “veado”, “entendido”, “bofe”, etc (PEREIRA, 2017, p. 135).

Entretanto o grande debate tanto entre os editores quanto entre os próprios leitores do jornal girava em torno de dois eixos principais, a figura do “gay macho” com características masculinizadas e que passaria despercebido na sociedade, não sofrendo os estigmas decorrentes da não aceitação. E a figura da *bicha pintosa* que agia com trejeitos afeminados, que não se atinha a seguir um determinado padrão comportamental.

Essa mesma designação de *bicha pintosa*, era direcionada às travestis e transexuais<sup>3</sup>. Os dois estereótipos, estavam ligados a elementos culturais, econômicos, físicos e comportamentais comparando um ao outro, ou seja, a *bicha* ao *bofe*.

Pensando de forma mais específica sobre essa divisão, a figura do *gay macho* pouco apareceu em reportagens do jornal, o próprio termo aparece em apenas duas edições<sup>4</sup>, entretanto a sua repercussão entre os leitores foi de maior impacto.

Podemos entender que a repercussão deste tema ocorreu em decorrência da ascensão dos debates acerca da própria masculinidade que ganha espaço na década de 1970, como já dito anteriormente, e que não se dissociava a homossexualidade de masculinidade.

É importante ressaltar que o Jornal Lampião da Esquina buscou representar as diferentes *identificações homossexuais*, sendo assim mesmo diante das críticas manteve-se fiel ao seu objetivo de trazer a tona os grupos marginalizados, inclusive os que eram desprezados entre os próprios gays.

Por outro lado, as figuras do *gay pintoso*, da *bicha assumida*, e da *boneca*, tiveram um espaço maior dado pelo jornal em suas páginas, da mesma forma que outras identificações como as travestis e lésbicas. O termo *bicha* aparece em todas as edições do jornal, e ainda com variações de terminologia e adjetivos.

Aqui faz-se necessário entendermos como surge o termo e de que forma passa a ser associado aos homossexuais, principalmente de forma pejorativa com intuito de ridicularizar tais sujeitos por seus trejeitos, afeminados ou

.....

3. No jornal, travestis e transexuais eram apresentadas no gênero masculino, “o/os travesti/s” em decorrência da não compreensão da identidade de gênero feminina para tais pessoas.

4. O termo foi encontrado nas edições n° 08 de janeiro de 1979, e n° 12 de maio de 1979.

espalhafatosos. O termo bicha foi criado por volta dos anos de 1930, e referia-se aos homens afeminados que mantinham relações com outros homens, para a época seria o gay passivo.

Uma explicação para a origem do termo como uma expressão endógena da subcultura homossexual é a de que ele seria uma adaptação espirituosa da palavra francesa *biche*, que significa corça, feminino de veado. Parece plausível que os homens que frequentavam essa subcultura estivessem simplesmente fazendo um trocadilho com a palavra viado, ao que adicionavam um toque de sofisticação com o uso do termo francês. Além disso, *biche* era também usado na França como um termo afetivo para uma jovem mulher. Portanto, os jovens homossexuais podem ter criado um novo uso da palavra bicha, tanto como um jogo de palavras como para ironizar com a mordacidade do termo viado, ao adotá-lo como uma expressão afetiva para se referir a outro homem efeminado (GREEN, 2000, p. 145-146).

Num primeiro momento o termo usado entre pares, foi sendo apropriado no submundo social de prostitutas, cafetões e homossexuais. Já nos anos 1960, adquire um teor pejorativo, usado por pessoas de fora desse meio com objetivo de desmerecer os possíveis criadores e usuários do termo. No Brasil, a palavra bicha passou a ser o referencial que diferenciava o comportamento masculino, heterossexual ou não, do comportamento dos homossexuais efeminados sendo o principal contraste entre esses grupos.

Com a ascensão dos movimentos populares, no fim dos anos de 1970, em específico o movimento homossexual, o termo bicha passou a ser usado principalmente pelos próprios gays, numa tentativa de ressignificar e quebrar o teor negativo associado ao termo, dando a ela agora a associação a um sujeito militante e consciente da sua condição sexual.

Entre os editores do jornal, essa associação se dividia entre os que eram adeptos ao uso do termo de forma geral para ajudar no processo de ressignificação enquanto outros ainda viam o teor negativo do termo. Essa divisão também refletia as opiniões dos leitores, alguns se identificavam com o estigma levantado pelo termo bicha como sendo um dos componentes de discriminação social. Em relação a isso o jornal recebeu críticas quanto à tentativa de criar uma clientela mais esclarecida, assumida sexualmente e militante com as causas homossexuais, desmerecendo a parcela menos favorecida social e economicamente. Tal crítica fica mais aparente com a carta de um de seus leitores publicada na edição 08,

Sendo eu leitor do conceituado LAMPIÃO, venho por meio desta tentar alguns esclarecimentos: o que significa a palavra gay? Eu conheço homossexual. Se gay está enquadrada nesta categoria, pergunto eu, então: porque esta avassaladora, vergonhosa e humilhante onda de discriminação? Por que o Jornal mantém esta política de grupo tão privado, de grupo tão selecionado? Ou somos todos ou não somos nenhum!

*A bicha pobre da Avenida Ipiranga ou da Cinelândia ou da Praça Tiradentes ou da Praça da República não será homossexuais iguais àquelas que na semana de carnaval desfila suas plumas e paetês nas passarelas de luxo? Não será gay também? Para mim são todos! [...] agora não me venha com esta de que estão escrevendo no jornal em prol do homossexualismo, vocês não estão fazendo nada pelas bichas pobres! [...]* (FERREIRA, n°08,1979, p. 13, grifos nossos).

Neste sentido podemos pensar a bicha sendo interpretada como um estigma da subcultura, encarada como uma figura alheia a vida politizada proposta pelo Jornal Lampião da Esquina, principalmente em meados de 1979, quando o mesmo já se ligava ao movimento homossexual organizado. Assim, essa figura ainda era vista como um ser inconsciente, que desobedecia a comportamentos e poderes dominantes através do requebrar dos seus quadris na rua, dos gestos delicados e afeminados, do linguajar cheio de gírias e palavras conhecidas apenas pelos próprios homossexuais e travestis.

Um dos primeiros textos lampiônicos a tratar mais especificamente da bicha, enquanto figura singular e rejeitada da sociedade encontra-se na edição 04 de agosto de 1978, o texto “*Sobre tigres de papéis*” trata-se de uma defesa sobre o posicionamento de Joao Antônio Mascarenhas criticado por desdenhar de gays afeminados. E contrapondo-se a tal crítica o autor, enumera alguns pontos do porquê não despreza nem as bichas nem os gays-machos, embora o texto seja designado aos gays afeminados

1 - Julgo que não devemos dividir os homossexuais, a fim de não os enfraquecer, afigura-se-me imprescindível que as minorias oprimidas relevem eventuais divergências para empenharem se, coesas, na luta contra a desinformação, uma das causas dos preconceitos,

2 - Se eu, como lampiônico, sou contra os preconceitos, que geram o desprezo dos mal-informados, seria contraditório que agisse da mesma forma que os preconceituosos, considerando-me superior aos que não têm procedimento idêntico ao meu,

3 - Eles até merecem a minha simpatia, pelo fato de ostensivamente assumirem a própria situação, arrastando os problemas daí decorrentes e, também, o meu

respeito por forçarem os que não querem ver a admitir a existência do homossexualismo e, ainda, merecem a minha admiração, por rebelarem-se contra a rigidez dos padrões sexuais impostos pela casta dominante,

4 - Se, pelos motivos acima, tanto as bichas- pintosas como os travestis credenciam-se ao meu apreço, há facetas do procedimento deles que, em minha opinião, são inconscientemente machistas e, portanto - sempre no meu entender - erradas (MASCARENHAS, n° 04, 1978, p. 09).

O primeiro ponto defendido pelo autor é referente a união entre os diferentes segmentos homossexuais com o intuito de fortalecer o discurso de combate as opressões sofridas por todos, afirmando seu apreço por todos e sem as distinções sugeridas nas críticas dos leitores.

Quando o homossexual fala com voz de falsete, faz ademanos alambicados, dá gritinhos e requebra os quadris, ele, sem se dar conta, está, de um lado, imitando a mulher objeto- sexual, a mulher cidadã de-segunda classe, a mulher idealizada pelos machistas e, por outro lado - por deixar de aceitar sua orientação sexual com naturalidade (pois a efeminacão é evidentemente artificial), acha- se a fornecer argumentos aos machistas que se, negam a admiti-lo como um homem comum, que usa sua sexualidade de forma não convencional. [...]

Além disso, a bicha pintosa, é agressiva, agressividade que - diga-se de passagem - se compreende, pelas pressões que ela sofre, [...]

O sujeito pintoso agride, e agride porque se sente inseguro e, no fundo, tem um sentimento de culpa, porque interiorizou os valores machistas, e os interiorizou a tal ponto que passou a considerar que, por ser homossexual precisa mostrar a todos, dar bandeira, que constitui parte de um grupo anatematizado (MASCARENHAS, n° 04, 1978, p. 09).

Mascarenhas continua seu texto, falando dos gays afeminados, de situações em decorrência dos seus trejeitos, das tentativas de se “enquadrar” na sociedade ou de sua agressividade para com outros são na grande maioria das vezes resultado dos discursos machistas assimilados por ele mesmo. O pequeno texto é concluído reiterando o objetivo principal do jornal, em dar voz aos grupos oprimidos contra as inseguranças sociais e as lutas contra o machismo da época

LAMPIÃO surgiu para mostrar a todos os grupos oprimidos e, em especial aos homossexuais — assumidos com descontração, enrustidos, pintosos ou travestis — que, no fundo, os machistas são tigres de papel, desde que nós não

concordemos em reconhecer-lhes os direitos que eles mesmos se atribuem. Paz e amor (lantejoulas, plumas e paetês aos que gostem delas) (MASCARENHAS, n° 04, 1978, p. 09).

Com este trecho podemos perceber que a bicha pintosa, estava em uma posição que expunha sua sexualidade e sua feminilidade enfrentando os discursos heteronormativos e junto a isso dando um passo na quebra de estigmas sociais existentes entre os próprios homossexuais.

Quando o Jornal Lampião da Esquina tratava das bichas, não eram somente as críticas sobre sua postura ou a valorização de sua coragem em enfrentar os preconceitos, em determinados momentos o termo aparece no jornal associado à violência sofrida pelos homossexuais, que na grande parte das vezes assumiam o papel de vítima culpada pelas ocorrências que envolviam homossexuais. A edição 06 de novembro de 1978 traz na sua capa a manchete “Crimes Sexuais”, e no seu interior as reportagens “*Anormal assassinado em Copacabana... (cada um tem a morte que fez por merecer)*.” na página 05, “*No Vale do Paraíba, a caça as bichas- bruxas*” e “*Nos jornais um eterno suspeito: o homossexual*” na página 07, as três reportagens tratavam de uma coisa comum, a violência e assassinatos de homossexuais.

Na primeira reportagem são quatro casos de homossexuais mortos por eventuais parceiros sexuais, a bicha era o alvo fácil para os assassinos que se aproximavam de suas vítimas já com tais intuitos, roubar e matar. Esses tipos de crimes não eram casos isolados, e não chegavam a ser casos concluídos pela polícia na maioria das vezes como fica denunciado pelo próprio Jornal Lampião da Esquina

Ao aceitar apressadamente, nestes crimes evidentemente que acabamos de lembrar, os motivos apresentados pelos criminosos – latrocínio, legítima defesa da honra etc. – a polícia e a justiça, pilares do Sistema, nada mais fazem senão referendar a ideologia que levou Anival Fonseca, o matador de Fred Feidman, ao crime: “ Bicha tem mais é que morrer”. Não é surpresa para ninguém que seja esta a atitude da polícia e da justiça (SILVA, n° 06, 1978, p.06).

Assim, subentende-se que a bicha ao final dos anos de 1970, enfrentava muito mais que a negação da sua personalidade afeminada e seus trejeitos por seus pares, que presumiam que a masculinidade era também um método de defesa, o que fica claro ao percebermos que o jornal enfatiza que a maioria dos crimes de assassinato eram associados às bichas pintosas por serem vistos como pessoas mais fragilizadas socialmente.

Como já dito o termo bicha aparece em todas as edições do jornal, bem como suas variantes e adjetivos, e já na edição experimental número 00, já se traça uma hipótese sobre a necessidade da imprensa homossexual e seu interesse em ampliar as discussões acerca da inserção de gays nos debates políticos e sociais, ou seja, conscientizando tais sujeitos da sua realidade sexual. O texto “*Qual é da nossa imprensa?*”, escrito pelo argentino Frederico Jorge Dantas, relatando ao Jornal Lampião da Esquina suas dificuldades e experiência com o folhetim *Eros*. O autor, fala desse processo da seguinte forma,

Reconheço ser a bicha atual um estágio necessário para se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual. Escrever o que se conseguiu aprender é o correspondente para o esboço de um futuro melhor, onde possamos reagir com racionalidade e coesão às repressões sociais que nos são impostas pelo grupo majoritário onde o machista credenciado desrespeita a própria regra das liberdades individuais (DANTAS, ed. experimental n° zero, 1978, p. 05).

Com isso podemos perceber que o jornal novamente enfatizava a busca da conscientização social de uma parcela da população gay. Nesse sentido podemos pensar que tal processo deveria ocorrer de forma clara, usando uma linguagem prática e objetiva, que se aproximasse dos gays desde o gueto até os intelectualizados.

### **O ‘babado’ era a linguagem do Jornal**

Uma das características presentes no Jornal Lampião da Esquina era seu linguajar, o modo debochado, e com palavreado associado aos seus leitores. Tendo como objetivo central a conscientização da comunidade homossexual, o jornal evitava fazer o chamado colunismo social,

veiculando informações culturais, como dicas de filmes, livros ou espetáculos, trazia artigos de contexto mais denso como as novas questões de gênero, a perseguição e assassinato de homossexuais, a questão do prazer sexual – assunto polêmico para a época – ou a relação entre Igreja e homossexualidade (SIMÕES JR. 2006, p. 16).

Ainda que apresentasse tais temas com seriedade, “resgatou-se a linguagem do gueto, com um uso constante de termos até então considerados palavrões, como “bicha”, por exemplo” (MACRAE, 2018, p. 148),

os autores faziam uso de metáforas e jogos de linguagem, que podiam confundir e brincar com leitores desavisados sobre o periódico, principalmente quando se tratava de assuntos mais específicos do que podemos chamar de “mundo gay”. Segundo João Silvério Trevisan (2018) essa tática usada era um passo dado para garantir uma maior aceitação entre seu público-alvo e também como uma forma de ir contra a “interdição de certas palavras, a decência das expressões” (FOUCAULT, 2006, p. 27) presentes na imprensa e nos discursos apresentados.

Essa troca de informações, gírias e palavreados específicos facilitava o contato com os leitores e por consequência garantia um número de vendas que garantiria o sustento do jornal.

A linguagem deveria ser simples, atrativa, desmunhecada e abusada como o linguajar do gueto, das bichas e travestis, e que fosse entendida por gays- machos também. Se o objetivo era ir ao encontro com a população do gueto, o ‘bichês’ deveria ser a língua mais apropriada para esse contato.

É evidente que para o senso geral, algumas palavras quando usadas na sociedade tinham um caráter pejorativo, ‘bicha’, ‘boneca’, ‘pintosa’, ‘viado’ e assim por diante. Como já dito anteriormente neste texto, a partir dos anos de 1960 alguns termos passam a ser usados como xingamentos e ofensas ao se referir aos homossexuais, entretanto com os novos ares do fim dos anos de 1970, e a ascensão dos movimentos sociais que buscavam um reconhecimento sócio-político para seus sujeitos, deu-se início a uma tomada de termos pejorativos para que fossem usados com maior frequência, ressignificados e somados aos novos debates identitários.

É importante lembrar que sempre houve discordâncias entre os editores, colaboradores e leitores sobre diversos posicionamentos, e em relação aos termos usados no jornal não foi diferente.

E com o intuito de apaziguar os ânimos exaltados acerca do uso dos termos pejorativos, na edição 03 de agosto de 1978, Aguinaldo Silva lança o texto “*As palavras: para que têmê-las?*” defendendo o uso dessas palavras seria uma estratégia para esvaziar seu potencial ofensivo e segregacionista,

muita gente se declarando indignada pelo fato de LAMPIÃO utilizar com muita frequência palavras tidas como pejorativas: bicha, boneca, etc, às quais o uso comum deu sempre um tom de ofensa, de epíteto humilhante. Para alguns, o uso destas palavras indicaria uma apelação ao baixo nível que não fica bem em nosso jornal.

*O uso de palavras em LAMPIÃO da Esquina na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista, para em seguida desmistificá-las. Vejam bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviram como o meio mais simples para mostrar a “separação” que existe entre o nosso mundo e o dos outros (SILVA, n° 03, 1978, p, 05, grifos nossos).*

Já de imediato percebemos o objetivo do Jornal, em retomar os termos e palavras usadas no meio machista e quebrar os mitos negativos acerca delas. Na sequência do texto, o autor apresenta os motivos de validar tais termos entre os homossexuais, encorajando-os para assumir uma postura quase de enfrentamento aos opressores de forma natural e sem violência,

A primeira coisa a fazer, portanto, é perder o medo das palavras. O caminho para isso é usá-las: bichas, bonecas, etc. [...] classificar os grupos que não rezam por sua cartilha como coisas exóticas, é uma das armas mais comuns do Estabelecido (é na verdade o primeiro passo para reprimi-los): não aceitar que esse tipo de classificação seja possível – lutar contra ele – é obrigação desses grupos. [...] Nossa posição é oposta: se nos chamarem de bichas responderemos que somos mais que isso – somos trichas (SILVA, n° 03, 1978, p, 05).

Assim é possível perceber a tomada dos termos para seus sujeitos, que ao assumir-se como bichas já desqualificavam a ofensa verbal do agressor. E como era de se esperar, o Jornal recebe algumas respostas em relação ao seu posicionamento sobre a apropriação dos termos pejorativos. A mais evidente é a carta do leitor Alfredo Rangel, do Rio de Janeiro, publicada já na edição seguinte, número 04:

Quanto ao termo guei, achei inteligente a idéia, mas quanto aos outros bicha, boneca, etc., continuo achando inoportuno e inconveniente o uso dos mesmos pelo jornal. Mais explicitamente, a palavra. Isto é. o significante traz consigo algo bem mais amplo que é o seu significado, isto é, o conceito pela maioria das pessoas, no caso em foco. A meu ver, usar os mesmos termos que a sociedade machista usa para marginalizar a classe homossexual contribui para que os mesmos permaneçam arraigados na mente de nosso povo.

Acho que quando algo se encontra já consagrado pelo uso, ainda mais de maneira deletéria, como no caso em foco, devemos usar a nossa imaginação e capacidade criadora para substituí-lo para algo novo. Falando em termos de língua, a única maneira de se fazer com que o uso de um determinado termo tenda a desaparecer, é criando-se e difundindo-se um novo termo, tendo-se cuidado

para que o mesmo não receba a conotação do primeiro. Entenderam o que eu quero dizer?

Não adianta vocês usarem determinadas palavras com um propósito, se aqueles que as recebem, os leitores em sua maioria, já estão habituados a vê-las de outra forma. Acho que isso só poderá fortalecer os estereótipos e nunca liberar realmente as pessoas oprimidas por sua condição sexual. Não devemos aceitar o anátema que a sociedade nos lança, como coisa irrelevante, pois é da luta contra o mesmo que poderemos abrir espaço para uma luta mais ampla que é a afirmação da livre expressão da nossa bissexualidade na sociedade (RANGEL, n° 04, 1978, p.18).

A angústia do leitor carioca quanto à apropriação dos termos pejorativos pelo jornal coloca em dúvida se tal processo não daria mais força aos agressores e opositores da visibilidade homossexual na sociedade. Em sua fala ainda podemos perceber a influência do sistema heteronormativo, evidenciado pelo fato do leitor acreditar que o uso desses termos iria permanecer na mente da população.

Entretanto a resposta do jornal ao leitor ocorre na mesma edição já na sequência enfatizando que o uso das palavras ressignificadas deveria se manter, para que elas não deixassem de existir, apenas passariam a ser interpretadas em outro sentido, e não mais apenas o ofensivo.

Olha. Alfredo, a gente continua mantendo nossa posição sobre o assunto. Não é por falta de uso que as palavras morrem, não, elas só morrem e, portanto, deixam de ser usadas quando perdem o sentido. Para isso é preciso ir até o fundo das possibilidades de cada uma, esmiuçá-la, esgotá-las. No nosso caso particular. Essa preocupação com as palavras também inclui um mergulho profundo nas nossas possibilidades, é preciso ter consciência. Inclusive, de que essa “livre expressão” do que você fala, não é através de LAMPIÃO que vamos conseguí-la, já que este é apenas uma esfinge que devora a si mesma (CONSELHO EDITORIAL, n° 04, 1978, p. 18).

Com este posicionamento o jornal, demonstra seu interesse em manter o uso dos termos, bem como validá-los de forma positiva. Os debates referentes a terminologia empregada no jornal, e sobre seu uso ser ou não pejorativo ainda reaparece em outras edições, principalmente nas respostas dos leitores.

Mas o que nos chama a atenção na temática da linguagem usada, além da apropriação dessas palavras, era o uso escrachado que se fazia delas.

Principalmente após a criação da seção *Bixórdia*, “uma apimentada ‘coluna social’ criada a partir da edição 05 de outubro de 1978, “na qual a personagem Rafaela Mambaba exercitava o linguajar ferino e malicioso atribuído às travestis e às bichas loucas” (SIMÕES; FACCHINNI, 2009, p. 88-89). O nome dessa seção vem depois de uma carta, em que o leitor faz uma ardente defesa das bichas pintosas e usa a palavra *bixórdia*, misturando bicha e mixórdia. A seção ficava por conta de Rafaela Mambaba,

uma personagem fictícia criada pelos editores do jornal e era responsável por comentários ferinos que apareciam nas páginas do Lampião, [...] Interessante pensar que é uma personagem com linguajar próximo daquele do gueto (SOUZA NETO, 2013, p. 02).

Mas o que vinha a ser a *Bixórdia*, exatamente? A apresentação da nova seção já vinha escrita com certo teor do linguajar usado no gueto, se tornado assim mais próxima da realidade da maioria dos leitores.

#### O QUE VEM A SER BIXÓRDIA?

Está no dicionário de Mestra Mambaba: BIXÓRDIA, s.f; em machês, palavra originária de bicha, s. i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia s.f mistura, bagunça. Representação do que é livre autopermittido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Por ext.: Vale tudo, né queridinhas? (MAMBABA, n°05, 1978, p.12)

A ideia de ter uma personagem fictícia no jornal dava uma liberdade extra aos editores, que poderiam se colocar atrás do pseudônimo de Mambaba. A seção foi criada pelos editores, e segundo Jose Augusto de Castro Heeren (2011) serviu para amenizar o caráter politizado do jornal e dar uma leveza e descontração em meio à seriedade das reportagens, e com um humor ácido, a fictícia autora tecia comentários para criticar os estigmas das rodas sociais dos homossexuais que rotulavam a multiplicidade de sexualidades existentes, “de uma maneira geral Rafaela Mambaba procurava criticar através da ironia e do deboche o quanto o universo estereotipado gay era perverso para aqueles que nele viviam” (HEEREN, 2011, p.177).

Ainda dentro da tentativa de desmistificar a negatividade do termo bicha, a seção *Bixórdia* propõe novas nomenclaturas e variações para serem

utilizadas de maneira proposital entre os gays, autora apresenta algumas variantes em duas edições;

Algumas variantes da bichisse oblige. A saber:

POLICHA- É a que ultrapassou os limites da tricha. Toma hormônios já que seu grande sonho é se tornar a Fafá de Belém.

BICHEQUE- É aquela que por qualquer coisa puxa um talão de cheques. Até pra pagar um cafezinho.

BICHENE- fã de Marlene. Daí surge uma serie de variações: BICHY (fã de Cauby), BICHINHA (fã de Emilinha), BICHAL (fã de Sidney Magal), e a BICHA- TORRACA.

E por aí vai. Qualquer semelhança com pessoas colunáveis será mera coincidência: de bichas e contrabichas cada um tem um pouco. Ah, ia me esquecendo, tem mais uma; é a:

BICHATA- É aquela que se enquadrou em alguma das variações aqui, mas vai escrever pra cá falando mal do LAMPIÃO (MAMBABA, n°06, 1978, p. 09).

A 'autora' satirizava tanto os fãs, quanto personalidades do cenário artístico nacional ao fazer a associação aos referidos artistas.

Nesse mesmo contexto de termos e significados para homossexuais, Rafaela Mambaba volta com sua acidez na edição 24, em maio de 1980, trazendo um novo glossário mais 'técnico' para aqueles que quisessem participar dos próximos Encontros Brasileiros de Homossexuais (o 1º havia ocorrido em abril de 1980). Alguns termos e suas definições apresentados pela autora:

MACHISMO - Qualquer tentativa de se impor sobre a vontade de uma outra pessoa, seja de que sexo for. Palavra extremamente útil como acusação dirigida à pessoa cuja palavra você quer cassar.

AUTORITARISMO - Idem machismo.

LIDERANÇA - Idem autoritarismo. Algo a ser evitado a qualquer custo, para garantir a continuidade da balbúrdia reinante numa reunião.

CONSENSO- Estado de sonolência e aborrecimento que leva as pessoas à incapacidade de votar a favor ou contra qualquer proposta concreta.

REPRESSÃO - Regras que são inventadas pela classe dominante, e cuja intenção é nos proibir daquilo que nós queremos.

DUPLA REPRESSÃO - Quando uma pessoa é sujeita a duas repressões. Especificamente bichas negras e mulheres homossexuais.

TRIPLA REPRESSION – Quando a pessoa é sujeita a três repressões. Exemplo: mulher negra homossexual.

QUÁDRUPA REPRESSION - Estado de graça no qual a pessoa está sujeita a quatro repressões. Exemplificando: bicha negra homossexual gorda. (N.B. - As pessoas que somam o maior número de repressões gozam de altíssimo status e são a inveja dos que têm menos; aqueles que não sofrem qualquer tipo de repressão - é o caso dos heterossexuais brancos masculinos - são criaturas simplesmente desprezíveis).

BICHA - Termo para designar o homossexual masculino militante (não pode ser confundido com a mesma palavra fora do meio militante; neste último caso, trata-se de uma ofensa grave). É também usado por alguns para se referir a homossexuais de ambos os sexos; neste caso, para as lésbicas, trata-se de uma manifestação de machismo de quem o utiliza.

HETEROSSEXUAL – Quem não é bicha ou lésbica. Pessoas extremamente perigosas, cujo maior prazer parece ser o de criar novas formas requintadas e sutis de repressão.

BISSEXUAL - Algo que não existe; quem se diz bissexual é apenas uma bicha não assumida, com tendências ao machismo, ao autoritarismo. Há quem diga, também, que o bissexualismo é apenas uma manifestação esquizofrênica.

FACISMO - A palavra ideal para substituir “autoritarismo” e “machismo” quando se quer dar a estes insultos um peso histórico. É como se um heterossexual, em vez de chamar um homossexual de “bicha”, preferisse dizer “sodomita” (MAMBABA, n° 24, 1980, p. 15).

Desta forma, com um linguajar mais atrevido e satirizando a política, acontecimentos e pessoas, a seção Bixórdia e sua mítica autora, Rafaela Mambaba, caíram nas graças dos leitores homo e heterossexuais que buscavam saber mais do palavreado e expressões usadas no gueto gay. Como fica evidente em uma carta, escrita por uma estudante de Letras de São Paulo,

Aí então me surgiu a ideia de escrever para vocês, na certeza de obter dados mais profundos para minha pesquisa. Seria apenas uma relação de vocábulos e expressões utilizadas pelos gays que estabelecem a comunicação entre eles, seguidas do significado que teriam para nós, leigos que somos nesse campo.

P.S. - Gostaria de pedir ainda mais um favor - vocês mencionaram no jornal algo a respeito do “Dicionário de Mestra Mambaba”. Eu poderia encontrá-lo facilmente em algum lugar? Onde? Grata,

Sueli Almeida - São Paulo, capital (ALMEIDA, n°07, 1978, p. 14).

A escrita do *Jornal Lampião da Esquina* juntava elementos para que seu público se identificasse com o jornal e com seus pares, o resgate e uso dos vocábulos do gueto em tom de chacota e até mesmo seu uso como uma resignificação social estavam diretamente ligados ao objetivo central do jornal.

## Conclusão

A partir do que foi aqui exposto, podemos perceber que a sociedade brasileira no fim da década de 1970 era nitidamente marcada por sistemas binários, que viam a feminilidade como um fator negativo e de inferioridade, principalmente quando se tratava de sujeitos com sexualidades dissidentes como era o caso de gays e travestis. A masculinidade assumiu uma forma viril, com barba e músculos definidos, se sobrepondo a um estereótipo que se aproximava da androginia e brincava com os padrões masculinos e femininos. Entretanto essa masculinidade existente, inclusive entre os homossexuais, passou a ser percebida e questionada pelos leitores que buscavam legitimar suas vivências homossexuais com base no jornal.

Essas identificações dos leitores quanto às figuras da bicha ou do gay macho, bem como as devolutivas sobre o uso de termos tidos como pejorativos e suas ressignificações geraram inúmeros posicionamentos em relação ao jornal. Assim, podemos entender que ao longo da sua existência o jornal foi alcançando seu objetivo de dar voz aos homossexuais do gueto, que se viam e se faziam presentes nas páginas do *Jornal Lampião da Esquina*.

## Referências

- ALMEIDA, Sueli. Uma questão de linguagem, *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, edição n° 7, dez/1978.
- CONNELL, Raewyn W. Políticas de Masculinidade. *Revista Educação e Realidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. UFRGS: Porto Alegre- RS. Jul/dez. 1995.
- CONSELHO EDITORIAL, Ainda o auê das palavras. *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, edição n° 04, ago/set. 1978.
- CONNELL, Robert W., MESSERSCHMID, James W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, UFSC: Florianópolis- SC. Jan/abr. 2013.
- CONSELHO EDITORIAL, Gay--Macho: uma nova uma tragédia americana? *Jornal Lampião da Esquina*, ano 1, n° 8, janeiro de 1979.
- DANTAS, Frederico J. Qual é a nossa imprensa? *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro. Ano I. Edição experimental. Abril/ 1978. p 5.

FACCHINI, Regina. SIMÕES, Júlio Assis. *Na Trilha do Arco Iris: Do movimento homossexual ao LGBT* / São Paulo: Editora Fundação Pcrscu Abramo, 2009.

FERREIRA, Bailarino Roberto. Mas que (\*) é esta? *Jornal Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, nº 8, janeiro de 1979.

FOUCAULT, Michel. A Implantação Perversa. IN: *História da Sexualidade I- A vontade de Saber*. Trad. Maria T. da C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal. 17ª ed. 2006.

FRY, Peter. MACRAE, Edward. Pecado, Crime, Doença e Sem- Vergonhice. In: *O que é homossexualidade*. São Paulo: ed. Abril Cultural, ed. Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 1985.

GREEN, James Naylor. Sexo e vida noturna- 1920- 1945. In: *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HEEREN, Jose Augusto de Castro, *O armário invertido: comunicação e discurso sobre a luz do Lampião*. Dissertação (mestrado em comunicação). Faculdade Casper Libero: São Paulo. 2011.

LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.), *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

MACLAREN, Margaret A. Políticas de Identidade: Sexo, gênero e sexualidade. IN: *Foucault, feminismo e Subjetividade*. São Paulo: Intermeios, 2016.

MACRAE, Edward.: *A construção da igualdade- política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Salvador: EDUFBA, 2018.

MASCARENHAS, João Antônio. Assumir-se? Por quê? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, jun/jul 1978.

MAMBABA, Rafaela. Escolha o seu nome. *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, edição nº 6, nov/ 1978.

MAMBABA, Rafaela. Novocabulário guei. *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano II, edição nº 24, mai/ 1980.

MAMBABA, Rafaela. O que vem a ser a bixórdia? *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, edição nº 5, out/ 1978.

MASCARENHAS, João Antônio. Sobre tigres de papel. *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro. Ano I, nº 04, agosto- setembro 1978.

NETO, Miguel Rodrigues de Souza, MOVIMENTO GAY E IMPRENSA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981). XXVII Simposio Nacional de História – conhecimento histórico e dialogo social , Natal – RN 22 a 26 de julho de 2013, p 2 disponível em <[http://www.snh2013.anpuh.org/resou\\_rces/anais/27/1364954035\\_ARQUIVO\\_MovimentogayeimprensanoBrasilcontemporaneo-MiguelRodriguesdeSousaNeto.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resou_rces/anais/27/1364954035_ARQUIVO_MovimentogayeimprensanoBrasilcontemporaneo-MiguelRodriguesdeSousaNeto.pdf)>. Acesso 02 jul. 2021.

PENTEADO, Darcy. Homossexualismo: Que coisa é essa? *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, n. 2, jun/jul 1978.

PEREIRA, Ronielysson Cesar Souza. “Gay Macho”, “Travesti”, ou “bicha pintosa”? a produção discursiva sobre representações homoeróticas no *Jornal Lampião da Esquina*. Dissertação (Mestrado em História) UNIOESTE: Marechal Candido Rondon 2017.

RANGEL, Alfredo. Ainda o auê das palavras. *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, edição n° 04, ago/set. 1978, p. 18.

RODRIGUES, Aristóteles. Em Busca de uma Nova Moral. *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano II, n. 15, ago/1979.

RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de Identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2010.

SCOTT, Joan w. A invisibilidade da experiência. Trad. Lucia Haddad. Rev. téc. Marina Maluf. *Revista Projeto História*. São Paulo: Puc- SP. Fevereiro 1998.

SIMÕES JUNIOR. Almerindo Cardoso. *E havia um Lampião da Esquina: memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil no fim da ditadura (1978- 1980)*. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Rio de Janeiro: UNIRIO. 2006, p. 16.

SILVA, Aguinaldo. Anormal assassinado em Copacabana... (cada um tem a morte que fez por merecer). *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro. Ano I, n° 06, novembro 1978.

SILVA, Aguinaldo. As palavras para que temê-las? *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, Ano I, ed 03, jul/ago. 1978.

SILVA, Natanael de Freitas. Masculinidades hierarquizadas: entre o “gay- macho” e a “bicha louca”, performances de gênero nos anos 1970. *Contemporâneos- Revista de Artes e Humanidades*. Edição 14, maio – outubro, 2016.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia a atualidade*. 4ª ed. revista, atualizada e ampliada, 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TREVISAN, Joao S., LAVENDER, James. Uma entrevista que ninguém ousou publicar: Leyland fala sobre atuação política. *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, edição n° 2, jun/jul. 1978.

VIEIRA, Zsu Zsu. A doença infantil do machismo. *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, N° 03, Ano I, Jul/ago. de 1978.

Recebido em 20 de agosto de 2021.  
Aprovado em 17 de setembro de 2021.